



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### O BECO DE (VÓ) DOLA: TERRITÓRIO NEGRO NUM BAIRRO NEGRO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Flávio José dos Passos<sup>302</sup>  
(PUC)

#### RESUMO

A proposta deste artigo é buscar compreender como a territorialidade configura-se um elemento constitutivo dos processos culturais tecidas no Beco de (Vó) Dola, desde a origem do bairro "Rua das Pedrinhas", até os tempos atuais, ao buscar superar uma visão que estigmatiza o bairro negro por conta da violência - da qual seus moradores são as maiores vítimas - e, ao mesmo tempo, tenta invisibilizar as trajetórias de vida e memória coletiva presente nas tradições culturais e religiosas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Territorialidade, Memória, Matrifocalidade

#### INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo é buscar compreender como a territorialidade configura-se um elemento constitutivo dos processos culturais da família de Dona Zita das Pedrinhas, desde a origem do bairro Rua das Pedrinhas, até os tempos atuais, nos quais o bairro é conhecido mais pelo alto índice de violência e morte, com notícias diárias de crimes de toda ordem veiculadas nos meios de comunicação da cidade e região.

---

<sup>302</sup> Mestrando no PPGCS - PUC SP; Bolsista no Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fund. Ford. E-mail.: br2\_ebano@yahoo.com.br



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Compreender a condição humana do negro na África e todos os processos de desterritorializações, na diáspora africana em todo o mundo e no Brasil só é possível a partir da compreensão de duas dimensões: o estar no mundo e o representar-se no mundo. Quanto à primeira dimensão, de acordo com Consorte (1991),

a definição do lugar do negro na sociedade brasileira sempre se constituiu um problema para o Estado, para as elites e para o próprio povo [...]. Entregues à sua própria sorte, os africanos e seus descendentes vêm, desde então (a abolição), construindo a sua história, a despeito de tudo quanto lhes foi e continua sendo negado, nos espaços que lhes foi possível ocupar. (CONSORTE, 1991, 1991, p. 87).

As cidades brasileiras, grandes, médias ou pequenas, com seus arranjos sócio-espaciais, ao mesmo tempo que refletem o quanto havia, nos grandes centros, desde o período da escravidão, uma onipresença dos escravos na cidade (KARASH apud SOARES, 2001, apud RAMOS, 2007, p. 100), também apontam para uma intencionalidade em se reeditar o confinamento do negro, anteriormente, na senzala, agora em espaços de segregação e invisibilidade, a partir de um reordenamento das espacialidades públicas e centrais do urbano (ROLNIK, 1989; FERREIRA, 1999).

Uma pesquisa etnográfica tendo como centro da abordagem a compreensão das dinâmicas de sociabilidade, interação, organização de uma família negra extensa – moradora no Beco de (Vó) Dola, no bairro negro da Rua das Pedrinhas, na periferia de Vitória da Conquista, no interior da Bahia –, dialoga com seus sujeitos enquanto agentes de uma singularidade cultural, de uma memória coletiva, de um pertencimento étnico e reiligioso e, ao mesmo tempo, busca desenvolver um olhar antropológico em uma micro-realidade representativa de



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

contextos nos quais estão inseridos os negros no Brasil e na diáspora africana, contextos, inclusive, muito mais amplos de determinação.

### **O racismo brasileiro na estruturação de uma sociedade desigual**

Consorte (1991), em texto seminal sobre “A questão do negro”, reflete como o pensamento hegemônico racista brasileiro no início do século XX defendia ter sido o fim da escravidão o máximo do resgate da dívida brasileira para com os negros que, a partir daquele momento, no campo e na cidade, estariam totalmente inseridos à dinâmica capitalista, podendo “se integrar à sociedade como homens livres, com iguais direitos aos demais, sendo que seu futuro neste país, a partir de então, dependeria apenas de seu esforço” (CONSORTE, 1991, p. 86).

A autora toca o ponto central da estratégia do racismo no Brasil: negar a existência da questão do negro. Ao afirmar-se uma sociedade democrática, escapa de assumir e adia a verdadeira discussão em jogo, o que serve para a perpetuação das desigualdades raciais que fundam a República. Desde então, a elite se recusa

discutir, particularmente, o fato crucial de que, na restituição de sua liberdade, teria que estar implícita a restituição das condições que lhe foram tiradas quando de sua escravização, dentre as quais o acesso à terra sem dúvida a mais fundamental. (CONSORTE, 1991, p. 86).

Assim, na Primeira República, o Estado estruturou a sociedade brasileira com fortes pressupostos racistas, ao promover mecanismos de exclusão e invisibilidade das populações negras rurais e urbanas, através de políticas pautadas em ideais eugenistas, no ideal de embranquecimento e na ideologia da democracia racial, hegemônicas por décadas (HASEMBALG, 1996; MATTOS, 2000).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Não obstante toda densidade histórica e cultural presente na Rua das Pedrinhas, são três as grandes violências do racismo estrutural que historicamente se acumularam contra o bairro: a) a exploração do trabalho braçal e a segregação espacial do bairro negro; b) a estigmatização dos moradores como “perigosos”, “bandidos”, “macumbeiros” e a conseqüente depreciação das expressões culturais que se desenvolvem no território negro; e c), a criminalização da pobreza, com a conseqüente violência do Estado que se faz presente apenas com seu braço armado.

Nas entrevistas durante a presente pesquisa, foi recorrente a fala de que

as Pedrinhas são muito discriminadas pelas pessoas que não conhecem aqui, que não vivem aqui, que nunca vieram aqui. Quando a gente quer conseguir um emprego, diz logo outro endereço, porque se dizer que é das Pedrinhas, já fica difícil. Não arrumam emprego por medo, por preconceito. A questão é que as pessoas não conhecem, não sabem nem como é que é aqui, que aqui tem família, que a maioria das pessoas que vivem aqui é tudo direito, não tem envolvimento com coisa errada, é só do trabalho pra casa e da casa pro trabalho. Mas isso já está muito impregnado aí na sociedade[...] (Entrevistada 1).

O estigma de “perigoso” e “bandido” que não diz abertamente “negro”. A mesma cidade que abriga migrantes não-negros que conquistaram projeção econômica e social na indústria, na educação superior e no comércio – a maior força da economia local –, reserva à população negra as piores e menos remuneradas ocupações, além de uma condenação do seu lugar, através de um processo contínuo de veiculação de mensagens de estigmatização (BOURDIEU, 1993; VELILLHARD-BARON, 1994; GOTTIDIENER, 1993 apud SILVA, 2004).



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

### Os bairros negros – segregação e resistência

Para além do controle do escravocrata e das medidas definidoras da exclusão dos negros nos espaços urbanos, haviam os quilombos, sejam nas áreas rurais, mas também urbanas. “Esses locais ou eram cômodos e casas coletivas no centro da cidade ou núcleos semi-rurais – as roças das periferias urbanas, bastante semelhantes ao que são hoje as roças de periferia dos terreiros de candomblé nas cidades” (Rolnik, p.5).

Segundo Ramos (2010, p. 6),

estas resistências se dão pela manifestação e manutenção de valores civilizatórios e de manifestações culturais de matriz africana (pontuais e cotidianas) que são reelaborados, mantendo constante diálogo com as contribuições e imposições da civilização ocidental.

A rua sempre foi um dos mais importantes territórios negros, já desde os tempos da escravidão. Qualquer coisa que fosse carregada, o era feito por um ou vários escravos. Da água nos poços e chafariz aos dejetos levados nos rios e portos, passando por toda sorte de mercadorias nos mercados (Idem). Nas cidades, os escravos de ganho e os libertos exerciam atividades as mais diversas que possibilitava, de um lado, a conquista da liberdade, de outro, o anonimato. Nas dinâmicas de urbanização, os bairros negros são lugares nos quais a população negra desenvolve estratégias de sobrevivência e afirmação de uma alteridade. Para Haesbaert (1997), a territorialidade

está impregnada não só de um poder que se circunscreve espacialmente, mas também de laços de identidade que tentam de alguma forma homogeneizar esse território, dotá-lo de uma área/superfície minimamente igualizante, seja por uma identidade territorial da qual a nacionalidade/o nacionalismo



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

pode ser considerado exemplo moderno por excelência e/ou fronteira definidora da alteridade (HAESBAERT, 1997 apud NEGREIROS, 2010, p. 71).

Todas as estratégias de manutenção de uma unidade e proteção dos membros dos grupos marginalizados são formadoras da identidade, havendo uma relação entre a consciência da discriminação e as tentativas de sua superação (Ibidem, p. 78). Os bairros negros são territórios negros à medida que se constituíram a partir da resistência às opressões geradas pelos arranjos territoriais engendrados pelo poder público.

Há, nos bairros negros, fruto de decisões coletivas, além das muitas soluções espaciais de ordem morfológica e criativa, na resistência cultural desenvolvida a partir de “dentro” e que favorece uma agregação asocial, as dimensões invisíveis do espaço. As formas, os conteúdos, os comportamentos, as performances e representações presentes na criatividade popular dos bairros negros trazem fortes características de africanidades não desfeitas pela diáspora africana, mas sim, rearticuladas em novos contextos sociais, econômicos e políticos. Existe uma racionalidade permeada por aquilo que se vê e pelo que não se vê, impregnando e construindo a territorialidade negra (RAMOS, 2009 apud RAMOS, 2010).

A festa e a cultura não são algo para ser agendados com antecedências ou para ser assistidos em locais predeterminados. A festa é a tônica do beco. A ludicidade está presente em todos os momentos como um dos valores ancestrais mais fortes, não obstante a violência que ameaça de todos os lados. Por isso, a sensação de se estar em outro universo, em outra lógica de relações. Quem vem de fora, vem pra somar alegria, para trocar o prazer do encontro. Há uma atmosfera de satisfação, de relacionamento positivo com as energias da vida.

Assim, a comunidade negra extrapola a concepção de mero bairro negro, considerando-se as relações assimétricas de poder e as práticas de gentrificação e



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

segregação sofridas pelas pessoas negras no cotidiano. E, por ser o racismo multifacetado e as comunidades negras etnicamente heterogêneas, as formas de reconhecer e resistir ao racismo também são muito diversificadas. Da linguagem corporal à língua falada, da culinária à ginga, das danças à religião, incomodando e desafiando os padrões morais ocidentalizados e cristãos, passando a serem perseguidos como atraso, crendice e empecilho para a modernização da sociedade brasileira.

### **A formação do bairro negro da Rua das Pedrinhas**

As recentes pesquisas sobre o de povoamento do antigo “Sertão da Ressaca”, apresentam que “a ocupação negra na região de Vitória da Conquista foi anterior à ocupação portuguesa” (SANTOS, 2008, p.3). Segundo Aguiar (1998), desde a colonização, a região sobrevivia da agro-pecuária e agricultura de subsistência. A partir de 1940, com a construção das rodovias que cruzam a cidade, este quadro começa a se alterar (1998, p. 2). A partir da segunda metade do século XX, a cidade se transforma com a forte expansão demográfica e econômica, tendo sua população de 7.682 em 1940 passado para 83.814 em 1970, afirmando-se como pólo econômico regional. Em 1991, a população já era de 180.603.

O bairro da Rua das Pedrinhas surge do deslocamento aleatório de dezenas de famílias negras de diversos pontos da cidade, da zona rural do município, da região e de outras regiões da Bahia, entre as décadas de 40 e 70. Nesse processo de fixação na Serra do Peri-Peri havia dois focos de interesses: a água do Poço Escuro – próxima a menos de 500 metros –, a lenha, as pedras “de concreto” e a areia. Com a cidade em expansão e a precariedade da infra-estrutura, eclodiram problemas como o acesso à água e a materiais para as fundações. À população negra, os papéis de serviços braçais, essenciais para aquele momento.

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

Segundo relatos de integrantes da Rua das Pedrinhas, as primeiras das famílias a se instalarem na região foram de Dona Zefa – que futuramente viria a ser sogra de Dona Elza, irmã de Dona Zita – e a de dona Dola. Duas mulheres negras, Zefa e Dola estão na raiz da origem do Beco e das Pedrinhas. Dona Zefa possuía alguns terrenos que aos poucos foram vendidos, cedendo lugar às construções de adobão que duraram até poucos anos. Podemos identificar cinco grandes momentos da Rua das Pedrinhas:

- a) a chegada das famílias, entre as décadas de 50 e 70, na sua maioria, negras, com as mulheres à frente desbravando a mata da Serra do Peri-Peri e levantando as primeiras casas bem precárias, negociando terrenos;
- b) carregando e abastecendo a cidade de água, lenha, pedras de construção, lavando roupa no quarador do Poço Escuro; e, também exercendo funções de liderança religiosa no bairro, como benzedeiras (8), parteiras (10) e mães de santo (8).
- c) com o gradativo fim do trabalho com a água, a lenha e as pedras, ficaram muitas lavadeiras de ganho e, várias delas, exercendo suas práticas religiosas e de saúde popular, como Vó Dola que era rezadeira;
- d) entre o final da década de 60 e os anos 80, muitos homens estão à frente de organizar as ternos de reis, cordões, batucadas, afoxés, escolas de samba e blocos afros nos antigos carnavais de rua; da Rua da Corrente, Mãe Vitória de Petu, com sua “cordão de macumba” e, posteriormente, com o afoxé de caboclos marca para sempre a memória dos antigos carnavais conquistenses;
- e) em meados da década de 90, as Pedrinhas começam a ganhar destaque pelo aumento vertiginoso do número de crimes cometidos na região e



## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

atribuídos ao bairro; o bairro passa a ter duas partes lideradas cada uma por uma gang;

- f) no final da década de 90, surge a Banda Abadaba, iniciativa de antigos carnavalescos (Luiz Dionísio e Guina) e liderada por filhos de Dona Zita;
- g) o surgimento do bairro “Nova Esperança” – ocupação urbana contígua à Rua das Pedrinhas e, na sua origem, liderada por várias mulheres.
- h) nos últimos anos a “invasão” é dominada por gangs de traficantes que transformaram o espaço em “terra de ninguém”;
- i) no último final de semana de janeiro de 2010, 16 jovens foram mortos de uma só vez na cidade, em uma ação de vingança pela morte de um policial.

### **A violência policial contra jovens negros na periferia**

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado da Bahia, nos 50 primeiros dias do ano, foram assassinadas 22 pessoas em Vitória da Conquista, 13 delas em janeiro e o restante entre 1º a 20 de fevereiro de 2011. Em 2010, foram 225 assassinatos cometidos no município – uma taxa de 70 mortes por 100.000 habitantes.

A violência das gangs rivais disputa em intensidade com a violência institucional da polícia nas abordagens, nas batidas e nas mortes. A relevância do trabalho de Lima (2010) é o jogar luzes em uma situação presente nas cidades médias brasileiras que por essas práticas de violência e abandono do Estado, já caminham não para se transformarem em metrópoles, mas em “necrópoles, se já não nasceram assim” (SANTOS, 1979 apud SILVA, 2006).

As notícias de uma ação policial violenta nos bairros da periferia já não chocam, mesmo quando seguidas de mortes. Tais visões reforçam uma postura de

---

não se pensar a violência nas periferias como sendo causada pela desigualdade estrutural do país e ausência de políticas públicas de superação da pobreza. Assim, “as Pedrinhas”, mais pelo discurso hegemônico, do que pela realidade em si, muito mais complexa e rica, se constitui num território de mortes anunciadas ou esperadas, num lugar, ou “não lugar” (AUGÉ, 2008), da (in) viabilidade social. Há uma conjunção de dois elementos – corpos e territórios negros –, ambos transformados em algo passível de ser eliminado, a partir de uma intencionalidade articulada entre sociedade e Estado.

### **O Beco de (Vó) Dola – território negro dentro do território negro**

Dentro dos processos de urbanização e segregação urbanos,

os territórios negros são aqueles espaços urbanos habitados por maior parcela de população afrodescendente e que se conformam histórica e socialmente a partir dos processos de imposição de desigualdades sociais à população negra e do desenvolvimento das culturas de base africana. A dinâmica sociocultural é determinada pela cultura de base, revelando-se no espaço geográfico como base dos processos de construção das relações históricossociais e das identidades das populações (CUNHA, 2001 apud RAMOS, 2010, p. 5).

Assim, se na Rua das Pedrinhas a memória coletiva carrega significados e sentidos da presença negra em Vitória da Conquista, o Beco de (Vó) Dola se configura como um espaço de exceção dentro do próprio bairro negro. Pensar o espaço e como o negro se relacionou com ele para se autoafirmar é pensar a relação encontrada, por exemplo, na realidade que sustenta a família negra extensa de Vó Dola e Dona Zita.

O Beco de Vó Dola só existe por conta da sociabilidade estabelecida nele pelo grupo da família dos descendentes das matriarcas e fundadoras do bairro. O

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

barracão de Mãe Fátima, extensão da casa de Dona Zita, é o espaço de preservação da religião de candomblé Angola. E a casa, espaço de encontro, acolhida, suporte, união e trocas simbólicas da liderança exercida pelas mulheres mais velhas e compartilhada pelas de meia idade, tendo a figura de Dona Zita como eixo estruturador dessa dinâmica.

Todos esses elementos constitutivos de uma territorialidade negra, interdependentes e articulados a outras três dimensões antropológicas presentes na família de Dona Zita: a “Força simbólica circulante” (Mauss apud Hita), a cultura ancestral e a matrifocalidade. Uma alimentando a outra. Há um legado ancestral cuidado, preservado e transmitido pelas mulheres mais velhas da casa, desde Vó Quelé (mãe de Vó Dola) e Vó Dola, até hoje, com Dona Elza, Mãe Fátima e Dona Zita, suas filhas e filhos, numa família de 150 integrantes.

Desse legado, todos participam. Hita (2002) refere-se a esta realidade como sendo uma “força simbólica circulante”, “um bem coletivo e um legado do qual a descendência tem a responsabilidade de reproduzir e manter (e como o Dom de Mauss, circula)” (2002, p. 3). A vida da família passa pela voz e pelo silêncio das grandes mães da casa, do barracão de candomblé e das mais velhas.

Bauman refere-se a essa dinâmica da comunidade como sustentada por um entendimento compartilhado por todos os membros, num “sentimento recíproco e vinculante”. (BAUMAN, 2003, p. 15), como “círculo aconchegante”, expressão que traduz uma realidade humana cada dia mais rara e separada “de um mundo de amargos desentendimentos, violenta competição, trocas e conchavos” (Bauman, 2003, p. 16).

Nos estudos sobre matrifocalidade, Hita (2002) destaque o lugar da casa como

espaço habitável e constituidor da identidade dos seus membros e das relações intra e inter geracionais, um lugar de passagem para



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

uns e uma referência permanente para outros. A casa no meio popular é um lugar ontológico, o lugar da mãe, uma fonte para a qual sempre se volta afim de tirar as energias necessárias para continuar a luta da vida (HITA, 2002, p. 7).

O papel exercido pelas mulheres enquanto chefes das famílias extensas e lideranças religiosas revela a centralidade da mulher na comunidade negra, seja como mantenedora da família, seja como mantenedora da tradição, articulando a necessidade de garantir a vida – num contexto de vulnerabilidade social dos homens negros – com a defesa das tradições culturais ancestrais. E, segundo Bernardo (2003, p. 176),

esses poderes sobre-humanos femininos estão relacionados, não apenas à família poligínica africana, mas, sobretudo, à família matrifocal e à família de santo, cujo poder, no seu início residia na mulher que mediava a relação entre os deuses e os homens”.

O grupo da família extensa de Vó Dola e Dona Zita é uma comunidade negra, na perspectiva weberiana de “comunalização”, “que se define com o sentimento subjetivo de pertencimento a um mesmo grupo humano” (SODRÉ, 2000, p. 209). Tais comunidades litúrgicas são espaços de preservação da memória ancestral, força afirmativa do local, abertos à virtualidade dos pertencimentos ou das alianças possíveis (SODRÉ, 2000, p. 223). Os barracões e as casas da família de santo são lugares onde a identidade, enquanto afirmação de uma singularidade, de um pertencimento a uma “Arché”, é tecida com a palavra da “Mãe”, criadora de existência e história, cujo “poder feminino assegura a continuidade da existência e dos valores sagrados do terreiro” (IDEM, p. 215).

Desde o século XIX, os terreiros de candomblé constituem-se como uma das principais formas de resistência ao racismo, na manutenção de raízes civilizatórias



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

---

africanas, na possibilidade de inserção social para as populações negras, seja pela mobilização no enfrentamento à pobreza e desigualdades raciais.

Somente a partir dessas categorias para compreender a força de uma família extensa negra que, por décadas, se organiza ao redor da liderança de mulheres negras mais velhas e da sua cultura ancestral, principalmente, das religiões de matrizes africanas. E, enquanto grupo coeso resiste ao tempo, à segregação espacial, à pobreza crônica, às violências locais e estruturais, ao racismo de uma sociedade que não se reconhece negra, ao descaso do poder público, à intensificação das trocas entre os de dentro e os de fora, principalmente, às mudanças de cenário religioso da periferia, na manutenção de suas práticas religiosas ancestrais.

E o Beco de Dola segue, como uma dessas realidades que, resistindo apontam para o passado áureo de lutas pela fixação na terra, busca de trabalho e afirmação da diversidade cultural e religiosa. E para um futuro incerto, de busca de superação da realidade de abandono e morte.

### REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar Pereira de. Religiões Afro-brasileiras em Vitória da Conquista. VII Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina. **Anais...** 1998. Disponível em: <[www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/st03-7.doc](http://www.fflch.usp.br/sociologia/posgraduacao/jornadas/papers/st03-7.doc)>.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares** – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.
- BAUMAN, SYGMUNT. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERNARDO, Teresinha. **Negras, mulheres e mães**: lembranças de Olga de Alaketu. Rio de Janeiro: Pallas; São Paulo: Educ, 2003.



ISSN: 2175-5493

## IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

- 
- CONSORTE, Josildeth Gomes. A questão do negro: velhos e novos desafios. **Revista São Paulo em Perspectiva**. Vol. 5, n. 1. SEADE. São Paulo, 1991. Disponível em: <[www.seade.gov.br/produtos/spp/v05n01/v05n01\\_12.pdf](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v05n01/v05n01_12.pdf)>.
- FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. **Desafricanizar as ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador (1980-1937)**. **Revista Afro-Ásia**, 21/2. Salvador: UFBA, 1998/9. Disponível em: <[www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia\\_n21\\_22\\_p239.pdf](http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n21_22_p239.pdf)>.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice. 1990.
- HITA-DUSSEL, Maria Gabriela. **As casas das mães sem terreiro: etnografia de modelo familiar matriarcal em bairro popular negro da cidade de Salvador**. (Tese de Doutorado). Campinas: Universidade Estadual de Campinas – IFCH, 2004.
- LIMA, Suzete de Paiva. **Racismo e Violência** – prática de extermínio contra a juventude negra. Dissertação de Mestrado. UERJ: 2010.
- NASCIMENTO, Washington Santos. **Construindo o "negro": lugares, civilidades e festas em Vitória da Conquista/BA (1870-1930)**. Mestrado em Ciências Sociais: Antropologia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil, 2008
- PINHEIRO, Márcia Leitão. Música, Religião e cor – uma leitura da produção de Black music gospel. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 27(2), p. 163-180, 2007.
- RAMOS, Maria Estela Rocha. **Contextos de construção da territorialidade negra em áreas urbanas**. **Revista África e Africanidades**, Ano 3, n. 9, maio de 2010. Disponível em: <[www.africaeaficanidades.com/.../Contextos\\_construcao\\_territorialidade\\_negra.pdf](http://www.africaeaficanidades.com/.../Contextos_construcao_territorialidade_negra.pdf)>.
- ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). **Revista de Estudos Afro-Asiáticos**, n. 17, Univ. Cândido Mendes, set. de 1989. Disponível em: <[http://www.usp.br/srhousing/rr/docs/territorios\\_negros\\_nas\\_cidades\\_brasileiras.pdf](http://www.usp.br/srhousing/rr/docs/territorios_negros_nas_cidades_brasileiras.pdf)>.
- SILVA, Maria Nilza da. **Nem para todos é a cidade: segregação urbana e racial em São Paulo**. Tese de Doutorado, PUC SP, 2004.
- SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade** – A forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.